

A CIRCULAÇÃO DE SABERES NO DOMÍNIO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM BRASILEIROS: POR QUE O CONCEITO DE GÊNERO E NÃO OUTRO EM SEU LUGAR? *

Sandoval Nonato GOMES-SANTOS ¹

RESUMO *Propõe-se, neste trabalho, a caracterização dos modos de emergência do conceito de gênero (de texto, de discurso) no domínio da teorização acadêmico-científica. Trata-se, mais especificamente, da descrição e análise dos modos de tratamento desse conceito no campo dos estudos da linguagem brasileiros, tal como eles se têm configurado mais recentemente. Para tanto, propõe-se a análise de um conjunto de artigos científicos publicados, entre 1997 e 2002, por um lado, em periódicos decorrentes de reuniões científicas de três grupos de estudos regionais (CELSUL, GEL, GELNE) e de uma associação de lingüística (ABRALIN) reconhecidamente importantes no cenário nacional e, por outro, em coletâneas organizadas particularmente com a finalidade de tematizar a questão do gênero. Do ponto de vista da análise dos dados, a tarefa aqui proposta orienta-se segundo um enfoque lingüístico-temático, isto é, busca privilegiar a detecção dos modos de materialização lingüística do conceito nos artigos selecionados, o que permitiu problematizar o estatuto de que o conceito se investe na atual conjuntura institucional brasileira.*

Palavras-chave Língua portuguesa - Gênero; Língua portuguesa - Estudo e ensino; Análise do discurso.

ABSTRACT *Dans cette étude, nous cherchons à caractériser les modes d'émergence du concept de genre (de texte, de discours) dans le domaine de la théorisation académico-scientifique. Cette caractérisation consiste en la description et en l'analyse des modes de traitement du concept dans des articles scientifiques publiés, entre 1997 et 2002, dans des périodiques édités sous la responsabilité de quatre associations de linguistique dont l'importance est notablement reconnue et dans des recueils dont le but est celui*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 02 de fevereiro de 2004, orientada pela Profa. Dra. Ingedore G. Villaça Koch e co-orientadora Profa. Dra. Raquel Salek Fiad.

¹ Doutor em Lingüística - Professor da Universidade Federal do Pará (UFPA).

de traiter la question du genre. Du point de vue de l'analyse des données, on choisit une visée linguistico-thématique, relative aux modes de matérialisation linguistique du concept dans les articles sélectionnés. Cela a permis mettre en question le statut dont le concept s'investit dans la conjoncture institutionnelle brésilienne actuelle.

Mots-clefs Langue portugaise - Genre; Langue portugaise - étude et enseignement; Analyse du discours.

1. INTRODUÇÃO

Em trabalho anterior (Gomes-Santos, 2004), propus, entre outras tarefas, caracterizar as tendências teórico-disciplinares que têm orientado a reflexão sobre o conceito de gênero na conjuntura dos estudos da linguagem brasileiros (sobretudo dos estudos em lingüística e em lingüística aplicada) por meio da análise de um conjunto de cento e cinquenta e sete artigos científicos publicados, entre 1998 e 2002, tanto em periódicos especializados e anais de reuniões científicas, quanto em coletâneas organizadas com a finalidade particular de tematizar a questão do gênero. A análise proposta no estudo mencionado permitiu detectar pelo menos quatro *tradições teórico-disciplinares* a que se vincula a reflexão sobre gênero no Brasil, assim nomeadas: (i) *Estudos em lingüística textual ou análise da conversação e estudos brasileiros de tendência similar*; (ii) *Estudos anglófonos e estudos brasileiros de tendência similar*; (iii) *Estudos genebrinos e estudos brasileiros de tendência similar*; (iv) *Estudos enunciativo-discursivos de extração francófona e estudos brasileiros de tendência similar*. Na definição dessas tendências, optamos por considerar não apenas o critério estritamente teórico – autores e obras citados pelos trabalhos –, mas conjugar tal critério aos pertencimentos disciplinares – os campos dos estudos da linguagem implicados na reflexão proposta – e acadêmicos – os programas e projetos de pesquisa em nível de graduação e pós-graduação a que se vinculam os trabalhos.

Tendo caracterizado, segundo uma perspectiva global, o conjunto de *pertencimentos teórico-disciplinares* a que se vincula a reflexão sobre gênero, proponho, neste estudo, uma tarefa complementar: avaliar como tais tendências se materializam em formulações que *reenunciam*² o conceito de gênero, ou seja, abordar os dados sob um enfoque mais propriamente lingüístico-temático, elegendo, para tanto, apenas alguns dos trabalhos que integram o *corpus* do trabalho mencionado (Gomes-Santos, *op. cit.*).

² A *reenunciação* é definida, em Gomes-Santos (2004), como o processo de legitimação do conceito na imbricação de domínios institucionais particulares – o acadêmico-científico e o oficial, por exemplo. Distingue-se, nessa direção, das idéias de precedência e sobredeterminação implicadas por uma certa noção de transposição – aquela voltada à descrição do movimento de passagem de um conceito que, uma vez saturado em uma determinada instância institucional, migraria para outra instância, adquirindo nessa última um estatuto absolutamente inédito.

Na eleição dos artigos aqui considerados – entre os 157 que formam o *corpus* relativo à teorização acadêmico-científica sobre gênero –, consideramos o critério referente a seus *pertencimentos teórico-disciplinares*, em um total de três artigos para cada corrente teórico-disciplinar mencionada. Embora reconheçamos que todos os trabalhos poderiam ser objeto de um tratamento mais detalhado, a definição do critério mencionado (e, por consequência, dos artigos apresentados a seguir) se deu em função principalmente da suposição de que são os pertencimentos teórico-disciplinares dos trabalhos que delimitam, de modo particularmente significativo, o tipo de abordagem do objeto-gênero por que eles optam³. São os seguintes os artigos eleitos:

Tabela 1: Artigos selecionados para análise linguística conforme os pertencimentos teórico-disciplinares detectados no tratamento da questão do gênero

<i>Pertencimentos teórico-disciplinares</i>	<i>Artigos científicos</i>
1. Estudos em linguística textual ou análise da conversação e estudos brasileiros de tendência similar	<i>B.1: Gêneros textuais: definição e funcionalidade</i> <i>1.3: Gêneros textuais e organização da informação</i> <i>4.22: Da distinção entre tipos, gêneros e subtipos de textos</i>
2. Estudos anglófonos e estudos brasileiros de tendência similar	<i>C.1: Uma dimensão crítica do estudo de gêneros textuais</i> <i>C.3: A construção social do gênero resenha acadêmica</i> <i>1.22: Estratégias discursivas em gêneros acadêmicos escritos</i>
3. Estudos genebrinos e estudos brasileiros de tendência similar	<i>B.4: Gêneros jornalísticos no letramento escolar inicial</i> <i>D.2: Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos</i> <i>1.2: Gêneros de textos, heterogeneidade textual e questões didáticas</i>
4. Estudos enunciativo-discursivos de extração francófona e estudos brasileiros de tendência similar	<i>D.1: PCNs, gêneros e ensino de língua: faces discursivas da textualidade</i> <i>4.15: A autoria: entre a memória do dizer e seus deslocamentos</i> <i>4.24: A circulação dos discursos e a problemática dos gêneros</i>

Como anunciei, a análise a seguir incidirá sobre os *modos de reenunciação* do conceito de gênero segundo os vários pertencimentos teóricos, disciplinares e acadêmicos delineados. Essa *reenunciação* supõe, como condição mesma de sua pertinência e existência, um certo posicionamento em relação ao próprio estatuto do

³ A esse critério preliminar ligado aos *pertencimentos teórico-disciplinares* associamos um procedimento de seleção mais ou menos deliberado que buscou contemplar: i) trabalhos nos quais o tratamento da questão do gênero fosse explicitamente representativo da corrente teórico-disciplinar em que se inscreve; ii) um número significativo de *contextos acadêmicos* a que se vinculam os autores dos trabalhos e iii) o maior número de publicações (periódicos e coletâneas), integrantes de nosso *corpus* de estudo.

conceito: assim, à questão sobre *como teorizar sobre o conceito de gênero* subjaz um modo particular de defini-lo, ou seja, está pressuposta – embora nem sempre explicitamente dita – uma definição de gênero. Com base nessa hipótese, proponho explicitar, a seguir, como os vários *pertencimentos teórico-disciplinares* reenunciam o objeto-gênero, por um lado, no quadro de constrações que os delimitam como espaços institucionais autorizados de reflexão sobre o conceito e, por outro, na concorrência que estabelecem com os demais pertencimentos teórico-disciplinares partícipes do debate sobre o conceito. Assim interpretada, a reenuniação do conceito de gênero constrói-se em uma dinâmica constitutivamente marcada pela imbricação entre as especificidades de cada corrente teórico-disciplinar e seus modos de relação com as outras correntes.

Do ponto de vista teórico-disciplinar, o que de comum existe entre as correntes que se ocupam da reflexão sobre gênero é o interesse pela apreensão de fenômenos localizados na dimensão *interacionista, sócio-interativa, enunciativa, discursiva* (entre outras adjetivações) da linguagem. Em linhas gerais, esse interesse liga-se ao postulado básico das chamadas *lingüísticas do texto e do discurso* – localizadas no que se convencionou considerar *periferia* da lingüística – segundo o qual a compreensão da linguagem transcende fatos lingüísticos do nível da palavra e da sentença, localizando-se, portanto, para além somente da materialidade lingüística dos enunciados.

É o foco nessa dimensão (*discursiva*, em sentido amplo) da linguagem que torna pertinente (e autoriza) a apropriação do pensamento bakhtiniano na reflexão sobre gênero, investindo-o do estatuto de referência fundante para (e recorrente em) essa reflexão. Dada sua proeminência no conjunto dos trabalhos, não me parece inútil focar em que medida essa referência passa a ser *conciliada* – no sentido de *reenunciada* segundo procedimentos de aproximações e distanciamentos os mais diversos – com outros aportes teórico-disciplinares. Entre as várias questões suscetíveis de serem problematizadas quanto ao lugar do conceito de gênero no pensamento bakhtiniano, encontra-se a que parece assinalar um diferencial não apenas teórico mas fundamentalmente epistemológico nesse pensamento: trata-se da natureza dialógica da linguagem, de que decorre o estatuto não-abstrato, mas sócio-histórico e ideologicamente marcado do conceito de gênero em Bakhtin (1979, 1997, 1998)⁴. Assim, embora seja consensual a todas as correntes teórico-disciplinares o reconhecimento do dialogismo constitutivo da linguagem e, nessa direção, das relações dialógicas implicadas no conceito de gênero, é o modo de conceber a natureza dessas relações que demarca especificidades entre elas. Em outros termos, é no estatuto dos parâmetros de definição/

⁴ Em trabalho anterior (Gomes-Santos, 2003: 22), enfatizamos que “(...) não é possível dissociar o conceito de gênero das questões da arquitetônica bakhtiniana – sociedade, sujeito, ideologia, língua. Caso contrário, perde-se a totalidade. O gênero, na reflexão bakhtiniana, constitui-se no baú social e é re-ativado e revestido no uso, por isso vai dialeticamente mudando, acompanhando a sociedade, que produz e faz circular ideologias via signo”.

conceituação do objeto-gênero que parecem estar localizados os diferentes modos – teóricos e disciplinares – de reenunciação desse objeto. Nessa direção, o que proponho detectar nos vários modos de reenunciação do conceito de gênero é como os pertencimentos teórico-disciplinares reenunciam esse estatuto dialógico constitutivo do objeto-gênero.

2. MODOS DE REENUNCIÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO NOS ARTIGOS

2.1. Os estudos em *lingüística textual e análise da conversação* ou estudos brasileiros de tendência similar na reflexão sobre gênero

A inserção dos estudos em *lingüística textual e análise da conversação* ou estudos brasileiros de tendência similar na reflexão sobre gênero opera-se segundo uma tendência em que a questão do gênero é integrada a temas e conceitos consolidados na história brasileira dessa corrente teórico-disciplinar. Essa tendência traduz-se em procedimentos, por exemplo, de caracterização de determinadas produções de linguagem tomadas como gênero, de problematização de um certo fenômeno da dimensão textual-discursiva da linguagem – referência, progressão temática, dêixis etc. – em gêneros particulares ou, ainda, de problematização dos contornos teóricos e metodológicos concernentes à questão da tipologia e da atividade tipológica.

É nessa direção que se delineiam os elementos para a definição do objeto-gênero – predicado pela adjetivação “textual”⁵ – segundo um ponto de vista que busca contemplar, a um mesmo tempo, tanto a dimensão *textual* do objeto, quanto sua dimensão *sócio-histórico-discursiva* ou *comunicativa*:

(1) Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. [B.1: 24-5]

A partir da percepção dessa dupla faceta constitutiva do objeto-gênero, tem-se o estabelecimento de outras dicotomias que buscam reenunciar a natureza dialógica

⁵ No texto “*Gêneros textuais: o que são e como se constituem*”, não publicado, Marcuschi define essa opção nos termos a seguir: “*Já o nome ‘gêneros textuais’ não é consensual, pois ele poderia ser também (como é muitas vezes designado) ‘gêneros discursivos’*. Pessoalmente, prefiro a noção de *gêneros textuais* por se tratar de aspectos constitutivos de natureza empírica, sejam intrínsecos ou extrínsecos à língua. Admito, no entanto, que também seria oportuna a denominação ‘gêneros discursivos’, já que se trata de algo realizado numa situação discursiva. Defino-me, contudo, pela designação ‘gênero textual’ por uma questão de simetria terminológica, embora se trate de uma assimetria constitutiva.” (Marcuschi, 2000: 9).

implicada no conceito de gênero. A que aparece como mais significativa para uma definição do objeto-gênero é a que se refere à distinção entre *tipo* e *gênero*.

(2) Observe-se que a definição dada aos termos aqui utilizados é muito mais operacional do que formal. Assim, para a noção de *tipo textual* predomina a identificação de seqüências lingüísticas típicas como norteadoras; já para a noção de *gênero textual*, predominam os critérios de ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade, sendo que os *domínios discursivos* são as grandes esferas da atividade humana em que os textos circulam. Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos. [B.1: 24-5]

Se nos indagarmos qual seria a natureza das relações dialógicas implicadas no conceito de gênero tal como ele é reenunciado pelos *estudos em lingüística textual e análise da conversação*, poderíamos dizer que essas relações são sobredeterminadas pelo que nelas é *textualmente* definido. Assim, o que demarca uma certa especificidade para essa corrente teórico-disciplinar, no que se refere à reflexão sobre gênero, não é o fato de excluir do conceito de gênero aquela dimensão constitutiva que transcende sua materialidade lingüística *stricto sensu* –, mas o interesse em interpretar essa dimensão segundo um aparelho teórico e metodológico que a define (definindo uma posição) historicamente como área particular no campo mais amplo dos estudos da linguagem. O adjetivo *textual* com que é nomeado o objeto-gênero não parece poder ser automaticamente substituído por *formal* ou *lingüístico stricto sensu*. Nessa direção, a ótica *textual* em que é traduzido o conceito de gênero pressupõe um conceito particular de *texto* (e a distinção desse em relação ao conceito de *discurso*), assim enunciado por Marcuschi:

(3) Em relação às observações teóricas acima, deve-se ter o cuidado de não confundir texto e discurso como se fossem a mesma coisa. Embora haja muita discussão a esse respeito, pode-se dizer que texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual. Discurso é aquilo que um texto produz ao se manifestar em alguma instância discursiva. Assim, o discurso se realiza nos textos. Em outros termos, os textos realizam discursos em situações institucionais, históricas, sociais e ideológicas. Os textos são acontecimentos discursivos para os quais convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas, segundo Robert de Beaugrande (1997). [B.1: 24]

2.1. Os estudos anglófonos e estudos brasileiros de tendência similar na reflexão sobre gênero

Quanto aos *estudos anglófonos e estudos brasileiros de tendência similar*, uma das particularidades dessa corrente teórico-disciplinar é uma reenunção do conceito de gênero que se associa fortemente à tradição retórica e funcionalista de extração anglófona, o que remete a um conjunto multifacetado de tendências em que se articulam tanto os chamados estudos em *Análise Crítica do Discurso* (ou *Análise do Discurso*

Crítica) – tal qual definida pelos trabalhos de N. Fairclough –, quanto os estudos desenvolvidos em torno de J. Swales e outros (Miller, Bathia etc.) – inscritos na área conhecida como *ensino de inglês para fins específicos* –, além dos estudos vinculados à perspectiva da *lingüística sistêmico-funcional* (*systemic functional linguistics*), conforme proposta por Halliday, Hasan e Martin. Esse conjunto plural de saberes associa-se a uma tradição de estudos cujo pressuposto comum é fundamentalmente a noção de enunciado como ação e, nessa direção, a definição do objeto-gênero prioritariamente por objetivos comunicativos.

Tal qual configurada na conjuntura brasileira mais recente de reflexão sobre gênero, a corrente que nomeamos *estudos anglófonos e estudos brasileiros de tendência similar* não retoma necessariamente o pensamento bakhtiniano quando das tentativas de definição do objeto-gênero e, quando o faz, não o toma como referencial epistemológico fundamental⁶. Embora essa particularidade marque uma diferença em relação às demais correntes teórico-disciplinares, a não remissão necessária ao pensamento bakhtiniano não significa que ele não produza efeitos, em termos discursivos, também no que se refere ao modo de inserção da corrente teórico-disciplinar em questão na reflexão sobre gênero. Assim, também em se tratando dela, a definição de gênero implica a tentativa de conciliação do *propriamente lingüístico* com aquilo que se define como sua exterioridade constitutiva, ou seja, a tentativa de contemplar as relações dialógicas inscritas no próprio conceito.

(4) (...) tento focar a interação entre subjetividades e as ‘normas da cultura’ em que operam, entendendo o conceito de ‘gênero’ como formas estáveis de uso da linguagem que estão intimamente associadas com formas particulares de atividade humana. Para compreender como se configuram os gêneros que estruturam nossa experiência acadêmica, é necessário estudá-los no contexto de situação e de cultura em que operam. [C.3: 79]

Esse binômio preliminar tem sua natureza delimitada por uma série de outras dicotomias, que traduzindo-o, especificam seu sentido. É o caso da distinção entre *fatores textuais e fatores contextuais*:

⁶ Em um texto em que busca repensar o conceito de gênero pela retomada de sua noção de “*comunidade discursiva*”, apresentado no “Re-thinking Genre Colloquium” (na Universidade de Carleton, Ottawa, em 1992), J. Swales enuncia do seguinte modo o fato de não ter se referido, em sua reflexão sobre gênero, à obra de Bakhtin: “*E, o que é mais importante, onde está Bakhtin? Completa e dolorosamente culpado. (...) Não posso desculpar-me dizendo que estava trilhando um caminho diferente, com um fim definido e específico. Precisei de meus novos mentores retóricos locais, Phillip Arrington e Don Bialostovsky, cinco anos antes de vir a valorizar sua ajuda. Tudo que posso dizer é que, naqueles tempos obscuros, tudo o que conhecia de Bakhtin provinha de informações de segunda mão a respeito de dialogismo. Assim, permitam-me tentar uma reparação tardia, e garantir-lhe que hoje meu exemplar do longo ensaio de Bakhtin sobre O problema dos gêneros de discurso encontra-se, como diria um negociante de antiguidades, terrivelmente desgastado.*” Essa versão em português do texto de Swales, de circulação restrita, é de responsabilidade de Benedito Gomes Bezerra.

(5) No contexto acadêmico, a Análise de Gênero, ao enfatizar a importância da linguagem na produção do conhecimento por meio da interação entre pares, com necessidades e valores disciplinares específicos, oferece uma perspectiva do texto como uma unidade de linguagem social e historicamente construída (Bakhtin, 1986, p. 76-7). O gênero pode ser reconhecido por sua estabilidade lingüística e por sua capacidade de se evidenciar em eventos comunicativos recorrentes, o que leva a uma convencionalidade de uso. O conceito de gênero, nesses termos, pressupõe uma interconexão entre fatores textuais (da linguagem) e fatores contextuais (das relações sociais envolvidas). [C.3: 77-8]

Em uma tal dicotomia está pressuposto um conceito de texto, objeto concreto em que se semiotizam representações, pontos de vista, crenças, ideologias, identidades.

(6) Cada vez mais, evidencia-se a necessidade de novos estudos sobre diferentes gêneros textuais que desenvolvam instrumentais teóricos e práticos para demonstrar que, através de textos orais e escritos, criamos representações que refletem, constroem e/ou desafiam nossos conhecimentos e crenças, e cooperam para o estabelecimento de relações sociais e identitárias. [C.1: 28]

Esse modo de reenunciar o conceito de gênero, demarcando uma definição que tem como foco a descrição daquilo que, no texto, é detectado como “conteúdo ideológico”, parece estar bastante comprometido com os fundamentos teóricos da chamada *Análise Crítica do Discurso*, proposta pelos estudos desenvolvidos em torno de N. Fairclough, entre outros. Delineia-se, por essa via, uma concepção de texto diferenciada daquela que vimos proposta pelos *estudos em lingüística textual ou análise da conversação e estudos brasileiros de tendência similar*: a natureza *textual* implicada na própria nomeação do objeto-gênero – denominado *gênero textual* tanto nesta quanto na corrente teórico-disciplinar anteriormente considerada – não remete à mesma ordem de fenômenos. A natureza *textualmente* motivada do gênero insere-se, no caso dos *estudos anglófonos e estudos brasileiros de tendência similar*, em uma grade teórico-disciplinar que busca conjugar dois eixos complementares: aos pressupostos teóricos da já mencionada *Análise Crítica do Discurso* acresce-se o interesse aplicado presente nos estudos de J. Swales sobre as práticas de linguagem do domínio acadêmico.

2.3. Os estudos genebrinos e estudos brasileiros de tendência similar na reflexão sobre gênero

As pesquisas desenvolvidas no âmbito do que designamos *estudos genebrinos e estudos brasileiros de tendência similar* particularizam-se, de modo geral, em função de duas condições complementares: do ponto de vista teórico-disciplinar, pela retomada de questões e proposições teóricas e metodológicas associadas ao chamado *interacionismo sócio-discursivo*, tal qual proposto por J.-P. Bronckart, B. Schneuwly e J. M. Dolz (para ficar apenas nos nomes mais representativos). Complementarmente, do ponto de vista acadêmico, a inserção da corrente teórico-disciplinar ora considerada na reflexão sobre gênero é marcada pelo intercâmbio internacional entre o LAEL/PUC-

SP e a equipe a que pertencem os autores mencionados: a *Section de Didactique des Langues* da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Genebra.

Essas duas condições informam, de antemão, uma percepção assinalada em Gomes-Santos (2003)⁷, relativa ao interesse explícito dessa corrente em promover a complementaridade do pensamento bakhtiniano com as reflexões de Vygotsky (cf. Rojo, 2001). Integrada a essas duas referências principais, opta-se por uma perspectiva *enunciativa* de linguagem, ou, mais precisamente, *enunciativo-discursiva*, já que se busca conciliar a consideração da inscrição social dos enunciados – tarefa, de certo modo, proposta por algumas das perspectivas de matiz comunicativo e situacional – com a apreensão de propriedades lingüísticas, mais precisamente enunciativas, do funcionamento das produções de linguagem. Em outros termos, busca-se associar as caracterizações ligadas ao funcionamento sócio-histórico do objeto-gênero às caracterizações enunciativas desse objeto.

Esse interesse de articulação dessas duas dimensões das práticas de linguagem aparece em obra de referência – *Activité langagière, textes et discours – Pour un interactionisme socio-discursif* –, em que J.-P. Bronckart propõe as bases do chamado *interacionismo sócio-discursivo*⁸. Nesse estudo, o autor tanto problematiza o estatuto da atividade de linguagem – na primeira parte do estudo denominada “*Os textos como produções sociais*” –, quanto descreve em que consiste “*a arquitetura interna dos textos*” – título da segunda parte do estudo –, ou seja, os diferentes *tipos de discursos* e os diferentes *tipos de seqüências* que entram na composição de um texto (em sua *infra-estrutura global*), configurando-se, segundo a metáfora de Bronckart, em “*estratos do folhado textual*”. Contemplam-se ainda, nessa segunda parte, os *mecanismos de textualização* (conexão, coesão nominal, coesão verbal) – que concorrem no estabelecimento da coerência temática dos textos –, bem como os *mecanismos enunciativos* (voz e modalização), que asseguram aos textos sua coerência pragmática e interativa.

Assim, tal qual em se tratando das outras correntes teórico-disciplinares anteriormente consideradas, também em relação aos *estudos genebrinos e estudos brasileiros de tendência similar*, o que está em jogo na definição do objeto-gênero – guardadas obviamente as diferenças que venho assinalando – é a tentativa de conciliação de propriedades lingüísticas – no caso particular que ora analisamos, *enunciativas* – com propriedades discursivas do objeto, ou seja, a apreensão do *dialogismo* constitutivo que determina suas condições de produção e recepção.

⁷ Nesse estudo, nomeamos essa equipe *Grupo de Genebra*, inscrevendo-a em uma perspectiva de estudo de gênero que designamos “*didático-pedagógica*”.

⁸ *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif* (Coleção Sciences des Discours, dirigida por Jean-Michel Adam. Lausanne: Delachaux et Niestlé S.A., 1997). Traduzido para o português por Anna Rachel Machado (com a colaboração de Péricles Cunha), com o título *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 1999.

(7) A interação verbal efetiva-se por meio de enunciados considerados relativamente estáveis, chamados de gêneros, embora essa estabilidade deva ser examinada com ressalvas, porque os gêneros estão em constantes transformações. Se, de um lado, os enunciados são variados, de outro, eles têm formas típicas que se adaptam às múltiplas situações, tanto orais, quanto escritas. Foi esse conceito que nos possibilitou realizar um trabalho de letramento escolar, com base nos gêneros de uso social, dentre eles, os textos de opinião. [B.4: 59]

É pela convocação de um conjunto particular de aportes teórico-disciplinares que se instaura, no caso da corrente teórico-disciplinar em questão, a problematização de algumas dicotomias, entre as quais a distinção entre *texto* e *discurso* e, nessa direção, entre *gênero textual* (ou *de texto*) e *gênero discursivo* (ou *de discurso*).

(8) [em nota de rodapé] Bronckart toma o termo *enunciados* como sinônimo de *textos*; daí a expressão *gêneros de textos* e não *gêneros de discurso*. Observe-se, entretanto, que a noção de texto envolve sempre o contexto, guardando-se o termo *discurso* para segmentos desses textos que, pelas unidades lingüísticas aí presentes, indicam diferentes tipos de relação com o contexto. [1.2: 97]

Tal qual configurada em alguns dos trabalhos que integram a corrente teórico-disciplinar em questão, essa distinção está bastante comprometida com a noção de *seqüência textual*, conforme proposta nos trabalhos de J.-M. Adam⁹, que, inscrito explicitamente nos estudos de matiz textual, tem sido convocado no seio do referencial teórico-metodológico do interacionismo sócio-discursivo, o que aponta para o fato de que as correntes teórico-metodológicas, embora delimitem especificidades do ponto de vista epistemológico, produzem aproximações as mais diversas em termos teóricos e metodológicos.

A relevância dessa distinção aparece nas percepções de Rojo (2002). Na tentativa de confrontar o conceito de *gênero do discurso* com o de *gênero textual*, demarcando implicações teórico-metodológicas, epistemológicas e didáticas no uso que se tem feito desses dois conceitos na pesquisa acadêmica, a autora adverte para a tendência de diluição das fronteiras entre eles, o que representaria, em sua opinião, um reducionismo em relação ao pensamento bakhtiniano. Para a autora,

“A confrontação da perspectiva bakhtiniana com outras perspectivas não muito conflitantes não tem sido preocupação só da LA [Lingüística Aplicada]. Autores ligados à Análise da

⁹ Em sua crítica à noção de tipos de textos, Adam (1999: 82) afirma: “*Consagrei vários artigos, entre 1987 e 1992, e um livro (1992) para tentar explicar por que é, em minha opinião, profundamente equivocado falar de ‘tipos de textos’.* A unidade ‘texto’ é muito complexa e muito heterogênea para apresentar regularidades lingüisticamente observáveis e codificáveis, pelo menos nesse nível de complexidade. É por essa razão que propus, ao contrário da maior parte de meus predecessores anglo-saxões, situar os fatos de regularidade ditos ‘narração’, ‘descrição’, ‘argumentação’, ‘explicação’ e ‘diálogo’ em um nível menos elevado na complexidade composicional, nível que propus chamar de seqüencial. Como vimos anteriormente, as seqüências são unidades composicionais bem mais complexas que simples períodos com os quais elas, às vezes, se confundem mesmo. À parte o caso particular e relativamente raro dos textos muito curtos monosseqüenciais, as seqüências são unidades de composição textual bastante inferiores ao conjunto representado pelo texto.”

Conversação, à Linguística Textual e ao Interacionismo Sócio-Discursivo também têm investido nessa reflexão. Em geral, esses trabalhos apresentam não só um diálogo com a obra bakhtiniana – mais ou menos afinado – como também se preocupam em diferenciar – aproximando-os ou distanciando-os – gêneros textuais de gêneros discursivos.” (Rojo, 2002: 3)

Todo o aparato acadêmico-científico dessa corrente – perpassado por confrontos, adesões, denegações tanto internos a ela quanto relacionados a outros pertencimentos teórico-disciplinares –, ao se investir de um caráter explicitamente didático-pedagógico, assegura as bases para a reflexão sobre o lugar do conceito de gênero nas práticas de ensino-aprendizagem da língua na escola¹⁰.

2.4. Os estudos enunciativo-discursivos de extração francófona e estudos brasileiros de tendência similar na reflexão sobre gênero

A corrente designada *estudos enunciativo-discursivos de extração francófona e estudos brasileiros de tendência similar* é caracterizada pela pluralidade de filiações acadêmicas do conjunto de trabalhos a ela vinculados: a inscrição acadêmico-disciplinar dos mesmos dispersa-se em um rol amplo de programas de pesquisas, direcionados, por sua vez, a objetivos e temas de investigação diversos. O que os articula no agrupamento que propus é a remissão a aportes teórico-disciplinares ligados a uma matriz francófona de estudos enunciativos e discursivos. Disso decorre que a inserção da corrente teórico-disciplinar em questão na reflexão sobre gênero privilegie, como um de seus temas de investigação, a articulação do conceito de gênero com questões historicamente ligadas aos estudos do discurso, tal qual *autoria, interdiscursividade, subjetividade* etc.

Vale notar que esse tipo de articulação é possível particularmente no âmbito de determinados estudos enunciativo-discursivos – naqueles em que as referências teórico-disciplinares produzidas no domínio acadêmico francófono solidarizam-se, quando apropriadas pelos *estudos enunciativo-discursivos brasileiros*, com a retomada do pensamento bakhtiniano. Em outros termos, a reflexão sobre gênero não se insere de modo indistinto em quaisquer *estudos enunciativo-discursivos de extração francófona*, mas naqueles que, por um lado, retomaram (do ponto de vista de seu percurso histórico) e retomam Bakhtin e, por outro, que não tomaram como inócua a tarefa de pensar o conceito de discurso – seu objeto de teorização por excelência – pela problematização de (e pelo eventual recurso a) uma teoria do texto, ou mais amplamente, a uma teoria

¹⁰ O que supõe, para a corrente teórico-disciplinar em questão, um processo de “*transposição didática*” (Bronckart, 1998) do conceito de gênero, do nível da formulação acadêmico-científica, para o nível das práticas didáticas de ensino-aprendizagem da língua.

dos agenciamentos lingüísticos considerados constitutivos da instituição discursiva¹¹ – sejam eles enunciativos ou propriamente textuais, constituídos em contextos sócio-histórica, ideológica, comunicativa ou situacionalmente condicionados.

Admitindo-se que o problema do estabelecimento de fronteiras entre aquilo que é considerado o *propriamente lingüístico* da linguagem e sua *exterioridade* constitutiva seja pertinente (e, diríamos mesmo, fundador) para a corrente teórico-disciplinar em questão, importa detectar como a tentativa de conciliação dessas duas facetas configura-se nos trabalhos. Complementarmente, cabe avaliar de que modos o princípio dialógico pressuposto no conceito de gênero, tal qual ele é considerado no pensamento bakhtiniano, é reenunciado no âmbito dessa corrente. Embora a nomeação *gêneros discursivos* (ou *do discurso*) seja consensual para os trabalhos que integram a corrente teórico-disciplinar em questão¹¹, isso não implica que ela seja transparente, no sentido de remeter a um referente absolutamente bem definido. É, portanto, sobre a natureza dessa dimensão discursiva que se funda grande parte da reflexão sobre gênero. Reenunciado de um tal modo, o objeto-gênero permite a convocação de uma série de dicotomias a ele conexas, que buscam especificar a natureza dialógica inscrita no conceito.

A dicotomia que aparece como crucial na tentativa de contemplar a natureza dialógica do conceito de gênero é a que busca distinguir *texto* de *discurso* e, complementarmente, *tipologia textual* e *gênero do discurso*. De modo geral, essas dicotomias são consideradas pelo recurso ao pensamento bakhtiniano, ou melhor, ao que se supõe ser uma apropriação adequada das idéias de Bakhtin¹².

¹¹ Uma tentativa interessante de problematização das fronteiras teórico-disciplinares entre análise do discurso francesa e outros campos, especialmente o da pragmática, é proposta por Possenti (1996). Para o autor: “A inclusão ou exclusão, em uma teoria do discurso, de pontos de vista da pragmática, da história ou da psicanálise não é obviamente uma questão simples (...). Trata-se, em geral, de uma questão de política de conhecimento. Mas pode ser, também, e freqüentemente o é, uma questão de preferência (o que não significa que se trate de uma escolha absolutamente livre, de gosto pessoal – este tipo de psicologismo, sim, precisa ser descartado, se bem que certamente se poderia dizer que também o gosto ‘pessoal’ é construído historicamente). Muitas vezes, também trata-se de pôr em relevo um dos aspectos do problema. Afirmar que determinado aspecto é relevante não deveria significar (que se quer dizer) que se trata do único aspecto relevante. É relativamente freqüente, tanto nas chamadas ciências da natureza quanto nas chamadas ciências humanas, que uma teoria não seja global – basta ver as querelas constantes (mesmo nas ditas ciências da natureza) e os esforços para a construção de teorias unificadas, já que os que trabalham nos vários campos são forçados a reconhecer que o seu fornece apenas uma visão parcial dos problemas. É especialmente em teorias que consideram constitutiva a idéia da dispersão dos discursos que seria estranho que as teorias dos outros ou as outras teorias não pudessem ser consideradas e, mesmo, parcialmente apropriadas.” (Possenti, 1996: 72) – os grifos são nossos.

¹² Opção que parece estar relacionada, por um lado, com a tentativa de manutenção de uma certa coerência terminológica (com a nomeação análise *do discurso*) e, por outro, com o modo de apropriação das idéias bakhtinianas pelos estudos enunciativo-discursivos, isento da mediação particularizada de outros aportes teórico-disciplinares que tematizaram o problema do gênero.

(9) Não se pode falar de gêneros sem pensar na esfera de atividades em que eles se constituem e atuam, aí implicadas as condições de produção, de circulação e de recepção. Isso é muito mais importante e constitutivo do gênero discursivo, segundo Bakhtin, que as seqüências de um texto, das quais várias tipologias textuais dão conta, não tocando, entretanto, em esfera de atividades ou modos de circulação, o que descaracteriza a perspectiva sócio-histórica de gênero discursivo. [D.1: 20]

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como buscamos explicitar neste trabalho, é na base de uma enunciação *polêmica* (Maingueneau, 1984) que se estabelece a convergência necessária para o estabelecimento de um estatuto para o conceito de gênero. O *acordo* sobre a natureza *dialógica* implicada nesse conceito é o que permite a inserção das várias correntes teórico-disciplinares que dele se ocupam, bem como o eventual diálogo entre elas. Em outros termos, o pressuposto comum que as aproxima está no fato de que todas elas, ao reconhecerem o princípio dialógico constitutivo do conceito de gênero, buscam demarcar-se como domínios de saber acadêmico atentos a fenômenos que transcendem a dimensão propriamente (e unicamente) lingüística da linguagem, o que lhes impõe a tarefa complexa – mais ou menos incômoda, um *malaise*, como diria Chiss (1987) – de se inserir no percurso histórico de teorização sobre esse conceito por meio da problematização do caráter formalista – e, eventualmente, da proposição de alternativas teórico-metodológicas ao pendor taxionômico – que marca parte da história de sentidos do conceito.

Esse pressuposto comum a todas as correntes particulariza-se segundo a demarcação de uma posição, a um mesmo tempo, teórica, disciplinar e academicamente motivada. Ao reenunciar o conceito de gênero, as várias correntes definem especificidades que se configuram como demarcação de uma definição do objeto-gênero pela reenunciação de saberes teóricos, disciplinares e acadêmico-científicos a ele associados.

Embora se possa dizer que a definição do objeto-gênero se estabeleça na convergência das várias correntes teórico-disciplinares quanto à natureza *dialógica* desse objeto, não se pode dizer que essa natureza seja reenunciada do mesmo modo por essas correntes. Apenas para retomarmos uma das distinções mais significativas no conjunto dos trabalhos, podemos considerar aquela relativa à relação *gênero textual/gênero discursivo*, bem como toda a série de outras distinções, de termos e conceitos nela implicada: *tipo/gênero, texto/discurso, fatores textuais/fatores contextuais*. Ora, essas distinções – e as nomeações particulares que as explicitam – não são transparentes nem remetem ao mesmo conjunto de fenômenos eventualmente implicados na definição do objeto-gênero. A depender da corrente teórico-disciplinar considerada, a adjetivação *textual* pode remeter à natureza *sócio-histórica e interativamente* motivada, ou apenas *comunicativamente* motivada, do objeto. Complementarmente, a adjetivação *discursivo* pode remeter à natureza *sócio-histórica e textualmente* motivada do objeto. Ou seja,

não nos parece possível pretender buscar nessas distinções uma espécie de ontologia fundamental que pudesse dar conta de absolutamente todas as propriedades supostamente definidoras do objeto-gênero, uma vez que, não sendo um bloco monolítico, uma entidade atemporal e a-histórica, ele inscreve, em seu próprio estatuto, a historicidade de sentidos que acompanha o percurso de sua teorização, incluindo a reflexão acadêmico-científica mais recente que busquei explicitar aqui. O reconhecimento da não-transparência do estatuto do objeto-gênero não nos deve conduzir, portanto, a duas posturas extremadas: por um lado, a postura que *fetichiza* as nomeações do objeto, como se nelas, *per se*, pudessem estar inscritas, de modo transparente, as propriedades do mesmo. Por outro lado, a postura que defende a impossibilidade absoluta de qualquer investimento de caracterização dos contornos de sentido que delinham a história mais recente do conceito de gênero, baseada na crença de que *os conceitos permanecem os mesmos*, o que muda são os nomes. A descrição e análise propostas neste trabalho buscaram evitar esse duplo equívoco. Ao associar os modos de reenuniação do conceito de gênero a constrições, a um mesmo tempo, de ordem teórica, disciplinar e acadêmica, explicitamos ênfases no tratamento do conceito pelas várias correntes teórico-disciplinares que dele se ocupam.

Uma das implicações desses modos de reenuniação do conceito de gênero refere-se à tentativa de auto-legitimação do próprio campo teórico-disciplinar em que ele se constitui como conceito pertinente. Em outros termos, o conceito de gênero parece surgir muito oportunamente no momento em que noções como a de texto e de discurso, em função da pertinência generalizada que adquiriram ao longo de sua história de circulação no meio acadêmico (integrando, por exemplo, diversas tradições teórico-disciplinares), deixam de estabelecer uma especificidade para uma disciplina particular, uma vez que tais noções passam a ser *reenunciadas* de modo bastante extensivo por várias delas, e, complementarmente, tornam-se mais fluidas do ponto de vista da possibilidade de estabelecer fronteiras entre essas correntes. Assim, o conceito de gênero atua como dispositivo teórico e disciplinar que garante a reprodutibilidade do exercício acadêmico-disciplinar no campo amplo dos estudos que se voltam para as dimensões textual-enunciativo-discursiva da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (Volochinov, V. N.) (1998). La Construcción de la enunciación. In: _____. *Que es el lenguaje?, La Construcción de la enunciación, Mas allá de lo social - un ensayo sobre la teoría freudiana*. Buenos Aires: Editorial Almagesto, p. 43-78.
- _____. (1979). *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC.
- _____. (1997). Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 277-326.
- BRONCKART, J.-P. (1999). *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC.

- CHISS, J-L. (1987). *Malaise dans la classification*. In: *Langue Française 74*. Paris: Larousse.
- GOMES-SANTOS, S. N. (2003). *Recontando histórias na escola: gêneros discursivos e produção da escrita*. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (2004). *A questão do gênero no Brasil: teorização acadêmico-científica e normatização oficial*. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- MAINGUENEAU, D. (1984). *Genèses du discours*. Liège: Mardaga.
- MARCUSCHI, L. A. (2000). *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife (PE): Universidade Federal de Pernambuco (não-publicado).
- POSSENTI, S. (1996). Pragmática na Análise do Discurso. *Cadernos de Estudos lingüísticos*. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas: Campinas (SP), no.30, p. 71-84.
- _____. (2003). Intervindo nas leituras de Bakhtin. In: FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo – as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba (PR): Criar Edições, p. 7-9.
- ROJO, R. (2002). Gêneros do discurso e gêneros textuais: Questões teóricas e aplicadas. São Paulo: PUC (mimeo.).
- SWALES, J. (1992). Comunicação durante o *Re-thinking Genre Colloquium*. Ottawa: Universidade de Carleton (mimeo.).